

EDIÇÃO 27 - ANO X - OUT - 2021



DIVERSIDADE *Cultura*

**CONECTANDO
SABERES**

CINEMA

LITERATURA

ARTISTAS

ARTE E PANDEMIA

DISPONÍVEL EM FORMATO
DIGITAL

PET DIVERSIDADE E TOLERÂNCIA

INTRODUÇÃO

A 27ª edição do Jornal Conectando Saberes do PET Diversidade e Tolerância, traz como tema: *Diversidade e Cultura*. A ideia é que possamos falar um pouquinho sobre as várias vertentes que o tema nos chama para debatermos diante da pandemia da Covid-19. Quando falamos de cultura é importante que tenhamos a sensibilidade de olhar para o outro e estarmos dispostos a conhecer aquilo que ainda é desconhecido por nós.

LITERATURA E PANDEMIA

Em tempos pandêmicos, a literatura, mais do que nunca, tem sido uma grande companhia para os dias tristes e solitários. Ler um bom livro, seja ele no formato físico ou digital, além de ser uma ótima possibilidade para os dias pandêmicos, torna-se uma atividade segura e bastante benéfica, haja visto as inúmeras potencialidades que a literatura propicia ao ser inserida em nossas vidas.

Nesse momento de pandemia, em que a morte e o luto se fizeram ainda mais presentes em nosso cotidiano, ler um bom texto permite com que nos reconectemos com a vida. Ainda que a morte seja inevitável, nunca estaremos preparados para perder alguém. Por isso, lidar com a morte e com o luto, é algo profundo e doloroso, mas também do renascimento e do cultivo das boas memórias.

Chimamanda Ngozi Adichie, em seu novo livro, *Notas sobre o luto*, aborda de maneira profunda e sensível à vivência do luto, ocorrido pela morte de seu pai em junho de 2020 e a sua relação com ele. Sobre a morte do pai, Chimamanda escreve: “A notícia é como um desenraizamento cruel. Ela me arranca do mundo que eu conheço desde a infância” (2021).

É um livro forte e atual, pois além de ter sido escrito durante este momento pandêmico que ainda assola grande parte do mundo, faz-nos refletir de forma intensa sobre a dor do luto e a dureza de perder alguém amado em um momento tão atípico da história - uma pandemia, em que até o último adeus torna-se comprometido.

Deste modo, é possível encontrar na literatura um alento importante para o enfrentamento de momentos difíceis, ocasionados pela pandemia de Covid-19 além de contribuir positivamente para a redução dos níveis de estresse. Segundo um estudo realizado pela universidade de Sussex no Reino Unido, ler ajuda a reduzir em até 68% os níveis de estresse, conforme ressalta a professora Aline Fay em uma matéria publicada pela PUCRS no ano de 2020.

Ademais, além de minimizar os índices de estresse, dentre os múltiplos benefícios da leitura, uma matéria publicada pela UNIMED (2019), aponta que ela fortalece a criatividade, melhora a qualidade do sono, amplia o foco e a concentração, além de despertar a humanidade.

Assim, para além dos benefícios que a leitura oferece, a literatura possui a capacidade de nos transportar para outro mundo ou mesmo auxiliar a melhor compreendermos o nosso mundo, de misturar o real com a fantasia, e de nos transformar sobretudo em pessoas melhores e mais humanas.

REDATORA: LIÉSIA B. RUTZ

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. *Notas sobre o luto*. 1ª ed. Companhia das Letras, 2021.
- GONÇALVES, Fabiana. Benefícios da leitura para a sua saúde. UNIMED, 2019. Disponível em: <<https://www.unimed.coop.br/viver-bem/saude-em-pauta/beneficios-da-leitura-para-sua-saude>>. Acesso em: 23 de set. de 2021.
- Hábito de leitura estimula o cérebro e promove benefícios para a saúde mental. PUCRS, 2020. Disponível em: <<https://www.pucrs.br/blog/habito-de-leitura-estimula-o-cerebro-e-promove-beneficios-para-a-saude-mental/>>. Acesso em: 23 de set. de 2021.

IMPACTOS DA PANDEMIA NOS EVENTOS CULTURAIS

O setor de cultura sofreu um grande impacto com a pandemia. Feiras, museus, bibliotecas e teatros foram fechados e, até o momento, muitos artistas ainda não conseguiram voltar a sua rotina e estão sem trabalho. Segundo a Unesco e o Conselho Internacional de Museus estimaram 90% dos museus do mundo tiveram que fechar durante os períodos de quarentena e 13% deles corriam o risco de não voltar a abrir. O setor cultural corresponde a 2,64% do PIB (Produto Interno Bruto) segundo a Unesco. Estima-se que o prejuízo provocado pela quarentena ultrapasse os R\$100 bilhões para o setor.

Com isso, os artistas tiveram que criar novas formas de atuar e utilizar de novas tecnologias. Professores de dança, por exemplo, adaptaram as aulas presenciais para virtuais, mas ainda assim, não substituem o antigo modelo, pois os bailarinos não possuem a infraestrutura adequada em casa para treinar saltos e movimentos mais elaborados. Peças teatrais foram ensaiadas de casa, através de chamadas de vídeo, porém muitas dessas apresentações foram canceladas.

Em contrapartida a essas mudanças, muitos artistas ou praticantes das regiões periféricas não possuem telefone com acesso à internet, impedindo que estes participem dos eventos on-line ou aulas virtuais. Essa nova tecnologia que está em alta durante a pandemia, não atinge a camada mais vulnerável da sociedade, que segue sem acesso à cultura.

Outro agravante da situação, é que muitos trabalhadores do setor artístico estão sem trabalho, pois atuam no apoio de eventos como operadores de som, além de artesões, pintores, cantores entre outros. Com as casas de show fechadas até o momento, esses profissionais estão tendo que encontrar novos trabalhos e utilizar, muitas vezes, do auxílio emergencial destinado a profissionais autônomos. Em contraponto, as costureiras tiveram uma grande importância na fabricação de máscaras para prevenção do coronavírus. Muitas comunidades de costureiras se uniram para fabricação de máscaras e distribuíram para a população, outras viram a oportunidade como fonte de renda.

Em Pelotas, a prefeitura está apoiando o evento mostra cultural virtual, em que artistas locais de diversas áreas, através do envio de vídeo com a apresentação dos seus trabalhos atuam, entre outros projetos virtuais. Outros projetos se mantiveram como a casa com tambor, um espaço de arte e cultura no bairro laranjal, que tem apoio da UFPel. Salas de conversa, exposições online, palestras, e outros eventos promovidos pela universidade também discutem sobre a cultura e pandemia e estão à disposição da população.

REDATORA: MILENA DA SILVA LANGHANZ

REFERÊNCIAS

<https://www1.folha.uol.com.br/treinamento/2020/09/artistas-e-produtores-da-periferia-devem-ter-ainda-mais-forca-no-pos-pandemia.shtml>
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/19513/pdf>
<https://elastica.abril.com.br/especiais/arte-periferia-pandemia-musica/>
<https://pt.unesco.org/news/pesquisa-feita-em-todo-o-territorio-nacional-apresenta-os-impactos-da-pandemia-nos-setores>
<https://www.pelotas.com.br/noticia/prefeitura-apoia-mostra-cultural-virtual-da-amasete>
<https://wp.ufpel.edu.br/prectaolongetaoperto/sala-6-conversas-sobre-arte-e-cultura-durante-a-pandemia/>
<https://www.diariopopular.com.br/cultura-entretenimento/rede-de-museus-da-ufpel-realiza-15a-primavera-dos-museus-164531/>

A ARTE DE LEVAR AMOR PARA OS ENFERMOS: DOUTORES DA ALEGRIA

A arte é uma forma de expressar emoções, contar histórias e levar alegria. Essa área do conhecimento vem ganhando espaço no campo da saúde, como forma de terapia desde os anos de 1990, quando houve a perspectiva de humanização do cuidado hospitalar, a partir da figura do palhaço, com os Doutores da Alegria. Trata-se de um grupo de pessoas, sejam elas voluntários ou profissionais, formados em arte cênicas, que tem a perspectiva de semear esperança e colorir os dias nublados dos enfermos, construindo apresentações artísticas para crianças com problemas oncológicos e públicos em vulnerabilidade social. Através dessas ações, como teatro, musicais e atividades lúdicas, entretém e ampliam o acesso à cultura.

Essa iniciativa quebrou paradigmas frente a estudos científicos, que, muitas vezes, imaginava que doença só se cura com remédios. O enfrentamento de problemas de saúde, que além de envolver sintomas físicos remete à psique do indivíduo passa por diferentes formas de cuidado. A arte pode amenizar essas dores, higienizando a sua mente, diminuindo sintomas em vários campos de distúrbios da saúde humana. Diante deste contexto, fronteiras nos hospitais foram quebradas, ao se abarcar os recursos artísticos como forma de arte terapia.

Diante do exposto, é preciso se dizer que surgiram vários outros grupos artísticos humanitários, não só voltados para o âmbito da saúde, mas também para a caridade, envolvendo crianças órfãs e idosos em asilos. Esses profissionais, interessados e/ou voluntários, se solidarizam e buscam inserir no cotidiano dessa parcela da sociedade, uma perspectiva de vida com mais amor, esperança e alegria.

Dessa maneira, tais ações apresentam-se como ferramentas fundamentais, ao envolverem não só enfermos e pessoas em vulnerabilidade social, mas também, os profissionais de saúde que ali estão inserido no cotidiano doloroso, gerando uma difusão cultural e proporcionando uma psicoterapia conjunta e com êxito, ao proporcionar saúde mental a todos, todas e todes.

REDATORA: FERNANDA S. DOS SANTOS

REFERÊNCIAS

Rodrigues, Andréa Leite e Malo; Marie Claire. Estruturas de governança e empreendedorismo coletivo: o caso dos doutores da alegria. Revista de Administração Contemporânea. Paraná, v. 10, n. 3, p. 29-50. Set. 2006. Disponível em: SciELO - Brasil - Estruturas de governança e empreendedorismo coletivo: o caso dos doutores da alegria Acesso em: 28 de set. 2021.

COQUEIRO, Neusa Freire; VIEIRA, Francisco Ronaldo Ramos; FREITAS, Marta Maria Costa. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. Acta Paulista de Enfermagem. São Paulo, v. 23, n. 6, p. 859-862. Abr., 2010. Disponível em: SciELO - Brasil - Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental Acesso em: 28 de set. 2021.

OS IMPACTOS DA PANDEMIA E OS DESAFIOS PARA A COMERCIALIZAÇÃO DO ARTESANATO QUILOMBOLA

Atualmente, com avanço da pandemia do Covid-19, as comunidades remanescentes de quilombos passaram a seguir as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e adotaram o isolamento social, que se faz necessário para prevenção do avanço dessa doença altamente contagiosa. Contudo, com o uso das medidas de isolamento social, o acesso às fontes de renda foi reduzido drasticamente e muitos utilizavam daquela renda para sustento de suas famílias. Tratava-se de um ganho a mais para manter as famílias, em sua maioria, compostas predominantemente por mulheres.

Conforme diálogo estabelecido via *WhatsApp*, com uma liderança quilombola, dona Carmen Lúcia dos Santos, moradora do interior de Canguçu/RS, da localidade Rincão do Progresso, 3º distrito, foi no ano de 2006 que começou a fabricação de sacolas sendo o grupo constituído por onze mulheres. Após, no ano de 2009, a Associação Comunitária Remanescente de Quilombo do Moçambique recebeu máquinas de costura e cursos de capacitação, além dos equipamentos necessários para qualificarem os artesanatos produzidos no quilombo e, a partir dali, o processo tornou-se geração de renda.

Os artesanatos produzidos por essas artesãs quilombolas eram cestos de palha, bonecas de fuxico e de tecido chamadas de Abayomi, produção de bolsas e tapetes de tiras.

Na conversa foi ressaltado que elas tinham apoio do Centro de e Promoção da Agroecologia e, também, possuíam uma parceria com a professora Rosane Rubert, que atualmente é professora de Antropologia no Departamento de História na UFPEL. Segundo a narrativa de Dona Carmem: “A professora Rosane Rubert nos ajudou pela universidade, foi aí que começamos a vender para todo o país, os turistas que vinham visitar os casarões históricos de Pelotas e os alunos de fora começaram a comprar os artesanatos feitos por nós aqui. Agora dificultou com essa pandemia, a renda dos artesanatos colocava comida na minha mesa e de todas nós. Tivemos que abandonar um pouco o que fazíamos, começamos a trabalhar com faxina pra fora, vender rapaduras, tentar outras coisas”.

Podemos assim ver que esse grupo de mulheres tiveram de criar novas formas alternativas de ter fonte de renda, pois, anteriormente à pandemia, o artesanato era o meio de terem uma vida mais digna.

Para Alves dos Santos et al. (2020,p.233) vários outros quilombos espalhados pelo Brasil enfrentam problemas que perpassam a falta de cobertura da Estratégia de Saúde da Família, dependência de benefícios sociais do governo, falta de saneamento básico, insegurança alimentar e ambiental, dificuldade de transporte e ainda muitos problemas com grileiros que tentam e, muitas das vezes consegue, expulsá-los das terras que são suas por direito.

Para os mesmos autores(p.236-237) a pandemia anunciada pela OMS em março de 2020,tem colocado em suspensão os discursos neoliberais até então defendidos por representantes governamentais como, por exemplo, a ausência de investimentos em serviços públicos de saúde. Demonstra a expansão global do mundo, a partir de um acirramento das desigualdades , aumento da pobreza, exclusão de grupos étnico-raciais, que costumam ser invisibilizados pela sociedade.

Há falta de mais investimentos em políticas públicas,acesso à saúde,boa moradia,educação e fonte de gerar renda para estes grupos que fazem parte dos mais atingidos durante a pandemia do Covid-19.Esses sujeitos, que já viviam em meio a extrema pobreza e vulnerabilidade social, racismo e outras negligências sofridas por falta de atenção do Estado Brasileiro, precisam ser atendidos a partir das especificidades dos povos. É fundamental a defesa da manutenção das vidas não somente dos territórios quilombolas, mas da população em geral dentro dos territórios em que convivem.

REDATORA: ELIANA DUARTE DA ROCHA

REFERÊNCIAS

DOS SANTOS, Márcia Pereira Alves, et al População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. Revista Estudos Avançados, volume34, ano 2020.Disponível em:<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.01>. Acesso em:02 de outubro de 2021

DA SILVA, Ana Maria Eugênio, et al Notas sobre pandemia e saúde quilombola: experiências a partir do Ceará.Revista Cadernos de Campo (São Paulo, online) | vol.29, (suplemento), p.235-243 | USP 2020.Disponível em:DOI:<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp235-243>.Acesso em:02 de outubro de 2021



A ARTE VINDA DAS FAVELAS

AMARELO - É TUDO PRA ONTEM

No ano de 2019 o rapper Emicida, conhecido como um representante legítimo das favelas e, principalmente, do povo preto o qual representa, lançou um álbum chamado AmarElo. Esse álbum tinha a intenção de lançar uma sequência de conteúdos em multiplataformas, na perspectiva de publicizar a obra.

O álbum foi produzido em formato de documentário e foi lançado na *Netflix* e a sua ideia principal é dar uma aula de história sobre a contribuição da comunidade negra na cultura brasileira, principalmente quando se fala em cultura musical.

O trabalho mostra desde o processo criativo de construção do disco até o show do artista, feito propositalmente no Teatro Municipal de São Paulo, um espaço que costuma não abrigar espetáculos que dialoguem com a arte periférica.

O documentário passeia pela história da cultura negra e sua profunda contribuição na formação da identidade brasileira. O artista traça uma linha do tempo, onde ele conta a história da condição do povo brasileiro e favelado vista desde o início da abolição da escravidão, costurando pontos importantes que nos trouxeram até os dias atuais, narrando e dialogando com o conhecimento de personagens negros, que vão de intelectuais a músicos.

A obra contém imagens obtidas do acervo do Instituto e Pesquisas e Estudos Afro- Brasileiros.

Emicida diz que realizar o show no teatro Municipal de São Paulo simboliza a comunidade negra nos lugares onde sempre não conseguiram estar. Ao final ele, na companhia de nada mais que Marjur e Pablo Vittar, duas artistas pertencentes do movimento LGBTQIA+ que estão em ascensão na cena artística dividem o palco. A ideia é expandir para que gerações futuras possam, também, ocupar todos os lugares com diversidade e representatividade.



Fonte: Google imagens.

Sobre a construção do espetáculo ele foi dividido entre melodias que se costuravam com a história e uma música, que representasse aquele momento de acordo com a percepção do artista.

O começo de tudo é o momento em que o Brasil finalmente realiza a abolição da escravidão, embora fique explícito que o país foi o último do continente a fazê-lo, e mesmo assim da maneira mais egoísta e desumana possível. Isso porque não deu acesso a postos-chaves para que esse público tivesse a chance de ter algum desenvolvimento econômico e social, os abandonando a própria sorte.

O filme aborda também o investimento na política de branqueamento, que incentivava a imigração europeia e a demonização da cultura africana, indígena, além do apagamento da história da escravidão.

A ascensão da cidade de São Paulo a metrópole empurrou os negros para as margens da cidade, através de um processo chamado gentrificação violenta e, assim, nasceu a periferia de São Paulo.

A partir da década de 1970 nasceu o Hip Hop nos Estados Unidos, um ritmo que se espalhou rapidamente através do Rap, Break e do Grafite. Desse modo os jovens da periferia encontraram um espaço no qual podem se expressar. No Brasil os encontros dessa arte das favelas se dão primeiramente no Metro São Bento, um lugar escolhido a dedo por ser acessível a todos.

Esse ritmo passa a se tornar um ato de resistência nas periferias e vira um movimento de conscientização a respeito do racismo e das desigualdades sociais. Este movimento cresce e se torna popular mesmo sendo boicotado pela indústria musical brasileira. Nessa perspectiva se torna a ponte entre as classes operárias e os intelectuais pretos brasileiros.

Assim o documentário é uma importante ferramenta, que mostra a trajetória da música brasileira, passando pelo hip hop, a criação do samba, das escolas de samba e o surgimento de alguns instrumentos musicais como o tamborim e o surdo.

O Hip Hop é uma cultura puramente negra, que no Brasil em vários momentos se misturou com o samba e nos proporcionou uma experiência unicamente preta, uma cultura brasileira e negra, vinda da favela em cada batida e em cada naipe.

A música brasileira, em todas as suas vertentes, tem um toque que saiu de dentro das comunidades.

REDATORA: BIANCA LEOCADIO DUARTE

REFERÊNCIAS

ALVES, Soraia. Com sensibilidade e aula de história, Emicida mostra poder do coletivo em "AmarElo – É Tudo Pra Ontem". B9, 2019. Disponível em: <https://www.b9.com.br/136050/amarelo-emicida-netflix-critica-review/>. Acesso em: 13/10/2021.

ARTISTAS INDEPENDENTES E OS DESAFIOS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

As pessoas que dedicam suas vidas à arte têm um papel fundamental na construção de um ser humano mais sensível, consciente, informado, dentre outras questões. A arte tem o potencial de renovar a aura, esperar e encorajar. Artistas independentes também podem provocar todas essas sensações, com suas artes, a diferença é que têm mais autonomia e liberdade de tomadas de decisões, buscas de novos desafios e, muitas vezes, executam várias funções ao mesmo tempo, produzindo ótimos resultados, marcas na cultura, que provocam esperança, alegria, conhecimentos, seja para uma rua, bairro, cidade, Estado ou para influência de uma nação inteira. Assim são os artistas independentes.

De acordo com Guerra (2020) a memória, as artes e a cultura nunca foram tão preponderantes para o social como o são atualmente, pois são os signos das identidades, perdidas por entre os processos fluídos de condicionalismos à ligação, sempre complexa, entre o campo artístico e o campo político.

É sabido que, o universo artístico exerce uma importante influência na população. Ainda que por trabalho ou por entretenimento, a arte está presente em todas as camadas da sociedade, algumas pessoas para adquirir conhecimento, conhecer novas culturas ou apenas passar o tempo e outras pessoas dependem da arte para seu sustento.

A maior crise sanitária dos últimos tempos, a pandemia da Covid-19, advinda das transmissões e mortes pelo novo coronavírus trouxe inúmeros impactos negativos para todo o mundo, em diversos setores das sociedades. No Brasil, relacionados à produção artística, alguns dos impactados foram relacionados ao cenário de artistas independentes. Esses, comumente, são aquelas pessoas que se dedicam à sua arte sem necessidade de seguir regras de patrocínios, tendo autonomia, embora mais dificuldade de se manterem. Em contrapartida, é necessário possuir múltiplas talentos e funções, pois precisam atuar em vários setores.

Com as medidas sanitárias sugeridas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), os espaços de socializações, com aglomerações de pessoas foi proibido, com isto muitas destas pessoas artistas foram fortemente prejudicadas. Desde a pessoa que vende artesanato, expostos em feiras (que no início foram proibidas), até artistas da música, do teatro, dentre outros.



Uma das principais saídas para a necessidade de isolamento e o distanciamento social, implicaram em mais tempo dentro de casa, com isso houve o aumento de consumo de filmes, séries, livros, peças e exposições on-line, para quem tem acesso.

Já os artistas independentes não possuem uma estrutura de trabalho fixa e devido aos desafios advindos da pandemia, tiveram de se desdobrar para conseguir preservar suas profissões. A Associação Paulista Amigos da Arte (APAA), de São Paulo investiu na criação de programas e festivais em apoio, a estrutura de shows culturais no Estado. Disse a artista Suelen Zacharias: “Entendemos que não são todas as pessoas que têm uma qualidade boa de internet ou mesmo dados móveis para acessar as lives que estão acontecendo. Então, junto ao CRAS (Centros de Referência de Assistência Social) aqui da cidade, fizemos um levantamento dos bairros mais populosos e de maior vulnerabilidade social. E fomos apresentar na porta da casa das pessoas, com todo o equipamento de segurança para nós e para eles”, conta ao Portal de Jornalismo a atriz, bailarina, palhaça, formada em Artes Cênicas e pesquisadora de Palhaçaria.

Durante o ano de 2020 ficou ainda mais explícito que existia a necessidade de maior interatividade e facilitação do acesso às produções artísticas e culturais, embora existisse cada vez menos fomento ao trabalho de artistas independentes. Barrar ou reduzir o incentivo à cultura popular é também cessar o investimento no futuro intelectual de todo o país, afirmou o secretário de Cultura de São Paulo, Sérgio Sá Leitão.

Enquanto a realidade não mudar, artistas independentes fazem arte com o que podem: barro, tecido, palha, recicláveis, além do próprio corpo. Os produtos artísticos criados com todos esses materiais são lindos, únicos e devem ser extremamente valorizados, ainda mais quando são a fonte de renda destas pessoas artistas. Mas não se pode romantizar o fato desses artistas não possuírem acesso a mais recursos para expressar sua arte, da forma que bem entendam.

Segunda a Revista Digital ESQUINAS, nos primeiros meses da pandemia, muitos artistas independentes viram suas vidas se transformarem com novos desafios, isso para quem tinha a oportunidade de trabalho. O professor e músico Rafael Valverde, 28, músico percussionista e baterista, conta que a solução encontrada por muitos artistas, naquele momento, foi a transmissão ao vivo de shows, as lives. Entretanto, para artistas pouco conhecidos, não houve bons resultados, uma vez que os engajamentos e o alcance pela nova metodologia, para músicos, muitas vezes, se limitava a amigos e familiares, sendo difícil a conquista de um público mais significativo que proporcionasse maiores recursos financeiros.

Ainda sobre os artistas musicais, um outro exemplo, o cantor Bemti ao ter o cancelamento da sua agenda, retornou para o interior de Minas Gerais, na perspectiva de se erguer financeiramente. Apesar dessa mudança drástica no planejamento, Bemti lançou recentemente “Vira Sol”, uma das composições que “ganharam um peso diferente”. Com o momento difícil, alguns artistas vêm lançando novos trabalhos e acreditando nas transformações que esta tem como potencial para a sociedade.

Outras alternativas foram surgindo, mesmo que de maneira um pouco “forçada”, um exemplo delas é o Adote O Artista, a qual envolve pessoas, todas desempregadas pelas circunstâncias da pandemia, para organizar a agenda e redes sociais. Antes do lançamento do projeto, o sentimento era de desespero. “Acho que o apoio chegou porque a gente se expôs de maneira muito direta”, diz o compositor e cantor Paulo Neto: “Olha, eu não tenho dinheiro para comer semana que vem... Tem que ter coragem para o artista assumir esse lugar de vulnerabilidade”, completa Paulo Neto. “Acho que agora o mais importante é se comunicar, está todo mundo sozinho, isolado e sem trampo. Se adaptando e se ajudando, na medida do possível”, relata o rapper.

O mercado já restrito, em especial para quem atua independentemente, acredita que iniciativas privadas poderiam se envolver mais no momento. O projeto Arte Como Respiro, vinculado ao edital do Itaú Cultural, lançado em junho de 2020, contemplou projetos de música, artes visuais, cinema, literatura, dança e teatro. No trecho seguinte a cantora paulistana Mariana Aydar conta que, em doze meses, viveu muitas fases: “Você vai trilhando por vários caminhos, é uma montanha russa. No começo eu compus bastante, músicas que inclusive falavam desse momento. Lancei o single ‘Foguete’ por causa desse São João que a gente teve que ficar em casa”; “A arte nunca sucumbiu, ela não é secundária. Ela tem uma função muito importante que é deixar as pessoas fortes para viver. De fato, ao longo da pandemia, a arte foi companhia de muitas pessoas em momento de extrema solidão.

De acordo com a matéria do jornal Alma Preta, os artistas pretos e pretas, que em sua grande maioria, representam a cultura periférica, buscaram outras funções e a criatividade para sobreviver em mais de um ano desde o início da crise. Artistas independentes, do Hip Hop e Slam, não receberam apoio financeiro, o que os obrigou a se reorganizarem, já que a divulgação do trabalho deles depende do público e da rua. Para evitar aglomerações e sem auxílio emergencial, os compositores tentam não deixar a arte morrer, mesmo mais de um ano após o início da crise sanitária.

Nesse mesmo contexto, a artista Ingrid Marques narra: “Não recebo apoio nenhum para continuar fazendo arte. Faço tudo de maneira totalmente independente. Artista, né? [risos]. A classe artística no Brasil sempre passa por isso: supervalorização e depois o esquecimento. É um ciclo que sempre se repete”, afirma. Apesar do agravamento da pandemia, no início de 2021, a rapper Jup do Bairro também acredita na reinvenção dos artistas independentes. “Nem tudo são flores, tampouco espinhos. O corpo marginal possui um chip de alta tecnologia de adaptação ao tempo-presente, mas é preciso se pensar em novas estratégias”, finaliza a jovem.



Estátuas vivas no Calçadão de Pelotas, exposição do "Casal Show". Fonte: Arquivo pessoal.

Apesar dos grandes desafios, houve quem tivesse tentado trazer alguma esperança. Com isso, em julho de 2020, o projeto de lei Aldir Blanc, de autoria da Deputada Federal Benedita da Silva (PT-RJ), estipulou o repasse de R\$ 3 bilhões para setores da cultura. Desse valor, R\$ 774 milhões – 25% do total – não foram utilizados em 2020, quando os editais começaram a ser lançados a partir de setembro. Foi aprovada no Senado a retomada da Lei para 2021, com a reutilização do valor represado, que voltaria aos cofres da União. O projeto agora será votado pela Câmara. Diante disso, nota-se que há alguns interesses, entretanto, as burocracias e o próprio sistema excludente, faz com que o acesso seja difícil e limitado a poucas pessoas (CNN BRASIL, 2021).

Em Pelotas, a experiência do casal de artistas de rua, “Casal Show”, que trabalha como estátuas vivas no centro da cidade, revela algumas dificuldades financeiras, uma vez que o trabalho nas ruas, e por um longo período, foi proibido. A artista Lúcia Helena Dias disse: "O desafio maior foi ter sobrevivido, pela dificuldade toda", em seguida acrescenta: "Foi triste, foi doloroso, para nós foi um terror [...], isso aqui é nossa vida, nosso mundo [...], mas teve uma coisa muito boa, tivemos ajuda de todo o Rio Grande do Sul". Neste sentido, o casal pontuou também a solidariedade e a valorização da arte de rua pelos pelotenses. Recentemente voltaram ao trabalho no Calçadão de Pelotas e estão gratos por isso.

Diante do exposto, é importante continuar sonhando e acreditando, inclusive nas pessoas que dedicam suas vidas ao desafio da arte independente, ainda que diante grandes desafios, em uma das maiores crises sanitárias do mundo, ainda sem precedentes.

Como diz a otimista cantora Mariana Aydar: “A arte nunca sucumbiu, ela não é secundária. Ela tem uma função muito importante que é deixar as pessoas fortes para viver.”

REDATORA: DULCINÉIA ESTEVES SANTOS

REFERÊNCIAS

FREITAS, João Paulo. Setor cultural sofre os efeitos da pandemia. Instituto livre, missão social sustentável. Mar. 2021. Disponível em: <https://institutolivres.org.br/setor-cultural-sofre-os-efeitos-da-pandemia/> Acesso em 21 set 2021.

GUERRA, Paula; DABUL, Lúcia. Dentro das brumas do tempo. Considerações Preliminares acerca do antes, do Durante e do Pós Pandemia nas Artes e na Sociedade. Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura. vol. 3, n.º 3, pp. 4-9. Porto e Rio de Janeiro, dez. 2020.

NUNES, Caroline. Artistas negros e independentes lutam para se manter em evidência na pandemia. Alma preta, jornalismo preto e livre. Mar. 2021. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cultura/artistas-negros-e-independentes-lutam-para-se-manter-em-evidencia-na-pandemia> Acesso em 21 set 2021.

OLIVEIRA, Larissa Catharine. Quais são os novos desafios dos artistas independentes para sobreviver de música durante a pandemia? RollingStone. mai. 2020. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/quais-sao-os-novos-desafios-dos-artistas-independentes-para-sobreviver-de-musica-na-pandemia/> Acesso em 21 set 2021.

SOARES, Caio Padilha et al. O impacto da pandemia na vida de um artista independente. Revista Digital Laboratório da Faculdade Casper Líbero. Out, 2020. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/arte-e-cultura/o-impacto-da-pandemia-na-vida-de-um-artista-independente/> Acesso em 21 set 2021.

TERRA, Adriana. Um dia após o outro: como artistas têm trabalhado na rotina da pandemia. CNN, São Paulo. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/um-dia-apos-o-outro-como-artistas-tem-trabalhado-na-rotina-da-pandemia/> Acesso em 20 set 2021.

TORRES, Luiza. A vida de artistas independentes em meio à pandemia do coronavírus. Portal ESPM Jornalismo, produção dos alunos de jornalismo. Abri.2021. Disponível em: <https://jornalismosp.espm.edu.br/a-vida-de-artistas-independentes-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus/> Acesso em 21 set 2021.

DESAFIOS E OBSTÁCULOS DE PRODUZIR ARTE E SER ARTISTA EM MEIO À PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL

Na atualidade, o Brasil, assim como todo o mundo, vem enfrentando um vírus que atingiu fortemente o setor cultural do país. O Sars-CoV-2 (mais conhecido como coronavírus) se disseminou de maneira tão rápida, que obrigou a adoção de medidas de distanciamento social por todo território e isso resultou na paralisação da maioria das atividades artísticas e culturais. Dessa forma, as artes no geral, foram obrigadas a se adaptar no contexto de distanciamento, o que foi muito difícil, pois esses setores estão muito fragilizados financeiramente, já que sempre se necessita de público e espectadores contínuos para sua sobrevivência.

É de grande importância ressaltar que o vírus não é o único problema, pois a arte e a cultura do país vêm sofrendo vários ataques sistemáticos, como o da intolerância, o do autoritarismo, o do conservadorismo, além da falta de investimentos e dos cortes de verbas que vem acontecendo (CALABRE, 2020). Segundo o pesquisador Marcelo Rocco em sua entrevista dada ao "Em Discussão", a arte teve que se readaptar e hoje, mesmo com as dificuldades, podemos dizer que as plataformas on-line contribuem para que mais pessoas tenham acesso a diversos conteúdos, porém, é preciso, através de políticas públicas tornar o público mais presente e interativo possibilitando que a maioria tenha acesso a essas plataformas. Na atualidade a arte em toda sua amplitude, vem combatendo a desinformação, revelando diferentes contextos avassaladores de crises de saúde pública, bem como criando diferentes produções de denúncias sobre a desigualdade social cada vez mais agravada (ROCCO, 2021).

REDATORA: JÉSSICA VOLZ BOHRER

REFERÊNCIAS

CALABRE, L. A arte e a cultura em tempos de pandemia: os vários vírus que nos assolam. Revista Extraprensa, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 7-21, 2020. DOI: 10.11606/extraprensa2020.170903. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/170903/162152> Acesso em 7 de out. 2021.

ROCCO, M. A arte e a pandemia: adaptação a uma nova realidade. Entrevista concedida a Adrienne Pedrosa. Em discussão. 2021. Disponível em: <https://ufop.br/noticias/em-discussao/arte-e-pandemia-adaptacao-uma-nova-realidade> Acesso em 8 de out. 2021.

"A ARTE EXISTE
PARA QUE A
REALIDADE NÃO
NOS DESTRUA."

- FRIEDRICH NIETZSCHE

DIVERSIDADE E CULTURA



VOCÊ SE INTERESSA POR
ARTES NO GERAL?

DIGITE ALGO



FESTIVAIS DE CINEMA "ON-LINE"

Com a chegada da pandemia da Covid-19, os comércios tiveram que fechar e a experiência de ir ao cinema com os amigos e família foi pausada por um tempo. Considerando essa realidade, os festivais de cinema tiveram que inovar um novo modo para continuarem fazendo suas edições. A saída encontrada foi realizar os festivais de forma totalmente on-line, processo que aproximou muitas pessoas a acompanharem e conhecerem os muitos festivais espalhados pelo Brasil.

Apesar da perda da experiência presencial, o novo formato possibilitou maior alcance dos festivais, afinal, com a distância "encurtada" as pessoas puderam acompanhar festivais que não iriam participar por não conseguirem ir até o local. Além disso, por serem on-line muitos festivais fizeram suas exposições gratuitamente, com uma programação recheada de mesas de debates e apresentações.

O ano de 2021 chegou e devido ao momento ainda pandêmico vivido por todos nós, os festivais ainda permanecem aderindo ao formato remoto. Infelizmente, alguns festivais já fizeram suas edições, mas há outros que ainda irão ser feitos, ou seja, você não pode ficar de fora! O FestCurtas BH Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte, acontecerá do dia 04 ao dia 14 de novembro de 2021 (<https://www.instagram.com/festcurtasbh/>)

Além disso, a cidade de Pelotas conta com dois festivais muito interessantes, que acontecem anualmente, sendo eles, Levante Festival de Curta-Metragens (<https://www.instagram.com/levantecinema/>) e ainda, a Mostra de Cinema Negro de Pelotas (<https://www.instagram.com/mostraohun/>), realizado por alunos da Universidade Federal de Pelotas.

Se você ainda não conhece nenhum festival de cinema e tem interesse em conhecer aqui seguem alguns nomes para você pesquisar e começar a acompanhar: *Mostra de São Paulo, Festival de Cinema de Gramado, Festival de Cinema de Tiradentes, Olhar de Cinema, Kinoforum, Festival de Cinema de Caruaru, Cine Esquema Novo, Festival MixBrasil, Mostra Audiovisual Cambuquira, Festival Santa Cruz de Cinema, Recifest, For Rainbow, Festival Int. de Curtas de BH, Festival Curta Cinema, Frapa Festival, Metrô - Festival Universitário, Mostra Ecofalante de Cinema*, entre outros.

REDATORA: LUANA DURANTE OLIVEIRA

REFERÊNCIAS

Associação de Cinema Brasileiro. Disponível em: <https://abcine.org.br/site/>. Acesso em: 29 de setembro de 2021.

Papo de Cinema. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/categorias/noticias/festivais-e-mostras/>. Acesso em: 29 de setembro de 2021.

🔍 **festivais de cinema...**

🔍 online

🔍 curtas e longas

🔍 brasileiros

DICAS CULTURAIS!

A arte faz parte da história da humanidade desde sempre. Ela nos conta sobre as gerações passadas e nos ajuda a compreender os progressos e transformações da sociedade atual em que vivemos, por isso, a arte é uma importante ferramenta para o desenvolvimento do mundo e, entre suas funções, podem ter funcionalidades físicas, sociais e pessoais.

A funcionalidade física está ligada às criações e invenções com objetivos específicos, por exemplo, pode estar presente na arquitetura e/ou em artefatos domésticos da antiguidade, que hoje se encontram em museus para preservação da história e para fins de conhecimento da sociedade.

Já as funcionalidades sociais e pessoais referem-se mais especificamente a historicidade em si, e marcam fortemente o tempo através da espontaneidade e do livre arbítrio.

A arte pode ser expressa através da escrita, música, pintura, teatro, filmes, moda e, de muitas outras formas, está presente em nosso cotidiano.

E No dicas culturais desta edição trazemos o filme Frida, lançado em 2002 e dirigido pela cineasta Julie Taymor e o livro “A arte tecendo fios para uma educação sensível” de Euzania Andrade, lançado em 2020.

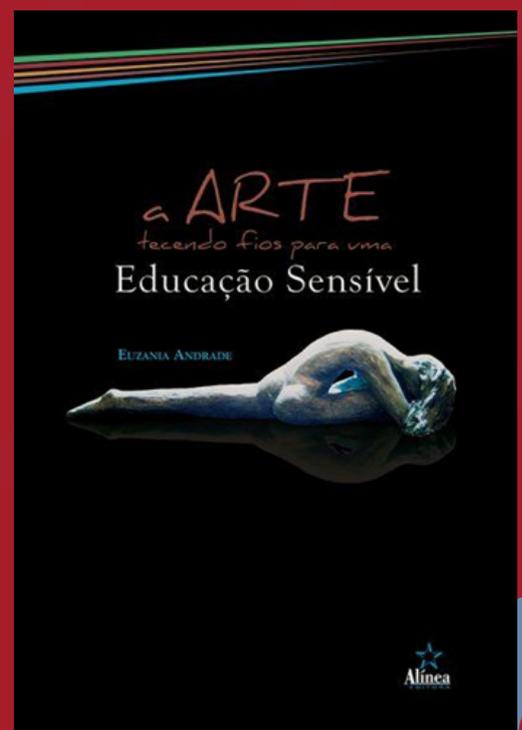
Frida Kahlo é uma conceituada pintora mexicana, e o filme conta sua história desde a adolescência, na qual chamava bastante atenção pelas posições firmes e causava incômodo em muitas pessoas por ser destemida.

Ainda adolescente Frida sofreu um terrível acidente e acabou perdendo o movimento de suas pernas, o que a levou a passar boa parte de sua vida sobre a cama.

A partir desta etapa de sua vida, a pintura foi sua fiel companheira e, também, o motivo de lutar por sua recuperação.

Com seus movimentos ainda em recuperação, Frida conheceu Diego Rivera, pintor também conceituado na localidade, e neste relacionamento os dois têm relações extraconjugais, contudo, dividem bons momentos e apreciam a arte.

Frida foi uma mulher talentosa, decidida, aguerrida e de opinião forte, e um filme sobre sua vida tenta revelar sua trajetória e, além disso, apresenta a arte de maneira singular, como fonte de inspiração e superação.



Fonte: Google imagens.

Já o livro “A arte tecendo fios para uma educação sensível” de Euzania Andrade, apresenta propostas aos educadores sobre a importância da arte e as expressões de cada criança em seu desenvolvimento, convidando a refletir sobre as diferentes maneiras de como a arte pode ser implementada na sala de aula. Ademais, a autora salienta que o professor tem um papel fundamental na maneira como as crianças irão interagir com a arte.

REDATORA: NICÉIA MENDES

REFERÊNCIAS

Instituto Claro. Disponível em: <<https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/noticias/9-livros-para-alisar-educacao-e-artes-de-forma-significativa/>> Acesso em: 19 de outubro de 2021.

Os Intelectuais. Disponível em: <<https://osintelectuais.wordpress.com/2015/11/10/resenha-do-filme-frida/>> Acesso em: 19 de outubro de 2021.

Viva Arte Viva. Disponível em: <<https://www.macunaima.com.br/vivaarteviva/voce-sabe-qual-e-a-importancia-de-viver-com-arte/>> Acesso em: 19 de outubro de 2021.



Fonte: Google imagens.



PET diversidade & tolerância.

MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O PET DT:



Coordenação: Professora Lorena Almeida Gill

Corpo discente: Allef Algemiro Gawlinski de Ávila (Enfermagem), Assucena Saldanha Maia Silvano (Bacharelado em História) Bianca Leocadio Duarte (Nutrição), Dulcinéia Esteves Santos (Medicina veterinária), Eliana Duarte da Rocha (Psicologia), Fernanda Santana dos Santos (Agronomia), Jéssica Volz Bohrer (Enfermagem), Liésia Bubolz Rutz (Pedagogia), Luana Durante Oliveira (Letras Português Licenciatura), Milena da Silva Langhantz (Nutrição), Nicéia Silva Mendes (Pedagogia).

Diagramação e Edição: Luana Durante.